



RESUMO DAS CONCLUSÕES DO PROCESSO CONSULTIVO

"FINANCIAMENTO DA RESILIÊNCIA CLIMÁTICA AO NÍVEL LOCAL"

Agosto - Outubro 2022



RESUMO DAS CONCLUSÕES DO PROCESSO CONSULTIVO

“FINANCIAMENTO DA RESILIÊNCIA CLIMÁTICA AO NÍVEL LOCAL”

Agosto-Outubro 2022

Sobre a Adaptation Research Alliance



Adaptation Research Alliance reúne financiadores, pesquisadores e praticantes para incentivar maiores investimentos na pesquisa orientada à ação, fornecendo uma plataforma comum para a pesquisa de planejamento e sua compreensão e implementação. Baseia-se no apelo de 2019 das Nações Unidas para a Ação na Adaptação e Resiliência, e está direcionada a fornecer a ciência pioneira e a perícia técnica para informar e sustentar o trabalho da Parceria de Ação para a Adaptação. Até hoje, 110 organizações de 40 economias aderiram-se nessa parceria.

Sobre BASE



BASE – *Building Approaches to fund local Solutions with climate Evidence*, convoca parceiros para trabalhar em colaboração, e promover financiamento de soluções climáticas lideradas localmente utilizando abordagens para garantir a racionalidade climática, simplicidade e rapidez. Implementa esquemas de concessão de subvenções que geram evidência do impacto climático e promove uma advocacia ao nível nacional, regional e global para fazer com que o financiamento climático atinja ao nível local.

Coordenação de Processo Consultivo



Apoiado por:



Reconhecimentos

O relatório foi escrito por Victoria Matusevich, Nathalia Rezende Mamede e Virginia Scardamaglia com base na revisão bibliográfica e nas valiosas contribuições providenciadas por todas as partes interessadas que foram consultadas entre agosto e outubro de 2022.

Este processo consultivo foi possível graças aos esforços combinados, conhecimentos e competências de:

- A equipe de Fundación Avina que coordenou o processo consultivo, incluindo o desenvolvimento das entrevistas, workshops e preparo e revisão dos relatórios: Andrés Mogro, Milena Gramacho, Nathalia Rezende Mamede, Paula Ellinger, Pamela Olmedo, Ricardo Zapata, Sofia Varela, Victoria Matusevich, Virginia Scardamaglia.
- A Equipe da South-South North, que co-organizou e forneceu valiosos contributos ao longo do processo: Jesse Demaria-Kenney, Sidney Church.
- Hernan Blanco quem apoiou na concepção e facilitação dos workshops.
- Aditya Bahadur, Cristina R. del Rio, Diana Cárdenas, Hilda Vega, Kazi Andadul Hoque, Natalie Unterstell, Thandiwe Chikomo, quem constituiu o Grupo de Direção do processo consultivo.
- Aditya Bahadur Bahadur, Joan Carling, Ngao Mubanga e Dora Luz Miranda Rios, oradores que generosamente compartilharam experiências e conhecimentos nos workshops.
- Trace Dreyer, Manuel Domínguez, Rosemarie García, María Alejandra Revelo, Patricia de Blanco e Jesse Kates-Chinoy, interpretes que fizeram possível ter uma comunicação global em 3 línguas.

Agradecemos também aos 27 peritos que foram entrevistados, e aos 94 participantes ao longo dos três workshops cujo generoso presente de tempo e pensamento criativo fez deste processo consultivo um sucesso.

Conteúdo

1 Sobre o processo consultivo	6
1.1. Metas e Objetivos	6
1.2. Etapas	6
2 Desafios e oportunidades na elaboração de propostas de projetos liderados localmente com impacto climático: Definição do contexto	8
2.1. Financiamento climático para o nível local: Uma lacuna cada vez mais reconhecida..	8
2.2. Um conjunto de desafios para acessar o financiamento de projetos liderados localmente	11
3 O desafio da racionalidade climática: Uma prioridade emergente da pesquisa da ação.....	14
3.1. Racionalidade Climática: Compreendendo seu papel e desafios	14
3.2. Evidências que apoiam a racionalidade climática.....	16
3.2.1 Ciência Climática.....	17
3.2.2 Conhecimento local e tradicional	18
3.2.3 Outras fontes. A percepção das pessoas sobre a mudança climática e os processos participativos.....	19
4 Observações inter-temáticas	21
4.1 Oportunidades e recomendações para avançar no desafio da racionalidade climática.....	21
4.2 Outras recomendações	25
5 Reflexões finais e perguntas.....	27
Anexo	31
Workshops.....	31
Entrevistas	33
Recursos disponíveis	34

1

Sobre o processo consultivo

1.1. Metas e Objetivos

Existem inúmeros desafios para que o financiamento climático chegue ao nível local. Um deles é garantir as provas de que o projeto responda aos problemas relacionados com as mudanças climáticas, para que o financiamento seja eficaz em termos de seu impacto em melhorar a resiliência às mudanças climáticas, e apropriado em termos da sua rapidez e forma para atingir às comunidades.

O presente documento resume os principais resultados do processo consultivo “Financiamento da resiliência climática ao nível local” organizado por BASE-- Construindo Abordagens para Financiar Soluções Locais com Evidências climáticas e ARA- Adaptation Research Alliance, pelo seu nome em inglês. O processo foi elaborado com base na extensa literatura existente e buscou compreender diferentes perspectivas de como ligar as evidências climáticas e a acessibilidade ao financiamento para garantir que as subvenções possam chegar às organizações locais e ajudem na geração da resiliência. Nesse sentido, os objetivos visados foram os seguintes:

- Identificação de necessidades e oportunidades: explorar os desafios e oportunidades que existem na elaboração de propostas de projetos liderados localmente com impacto climático.
- Formação de Rede: Ajudar a identificar as partes interessadas relevantes da ciência, finanças, comunidades, política e comunidades de prática ligadas às finanças dirigidas ao nível local para ter impacto na resiliência climática.

BASE e ARA estão planejando uma rodada de subvenções em pequena escala a ser lançada na COP27. Este processo consultivo irá contribuir para a concepção destas subvenções para garantir a sua eficácia na resposta às necessidades lideradas localmente mas também para obter um melhor entendimento dos riscos climáticos.

1.2. Etapas

O processo foi realizado em agosto e outubro 2022 e foi elaborado com base numa revisão da extensa literatura existente sobre finanças climáticas, adaptação liderada localmente, evidência climática, entre outros assuntos relevantes; 94 participantes assistiram aos três workshops interativos, e houve entrevistas detalhadas com 27 peritos com diferentes antecedentes e geografias.

Do total de participantes, 63% foram mulheres e 37% homens; 73% do sul global e 27% do norte global.

Figura 1. Etapas do processo consultivo



2

Desafios e oportunidades na elaboração de propostas de projetos liderados localmente com impacto climático: Definição do contexto

2.1. Financiamento climático para o nível local¹: Uma lacuna cada vez mais reconhecida

Há inconsistências substanciais na forma em que a humanidade está enfrentando a crise climática, uma das mais significativas é que os fundos² destinados para combater a crise, raramente chega aos locais e às pessoas mais atingidas pelas mudanças climáticas nas comunidades locais no sul global.

Inúmeros estudos confirmam o desafio:

- O objetivo de mobilizar \$100 bilhões por ano em financiamento climático provenientes de países de alta renda para países de baixa renda não foi cumprido em 2020. A grande maioria dos fundos desembolsados (71%) consistiram em empréstimos que implicaram aquisição de dívidas para os atores locais.
- Além disso, os recursos mobilizados continuam se concentrando na mitigação da mudança climática (69%), quando várias fontes e avaliações das necessidades locais sugerem uma prioridade na adaptação” (OECD,2022).
- “Apenas 10% do financiamento climático foi comprometido pelos fundos climáticos internacionais, até 2016 foi priorizado para atividades ao nível local.” (Soanes, M.,2017).
- “Existe também uma escassez de estudos e de dados publicitários disponíveis sobre quanto exatamente o financiamento climático está chegando ao nível local e sendo gasto em parcerias com comunidades locais, sendo que a maior parte do financiamento climático não é suficientemente transparente para ser rastreado até seus usuários finais. “(Carty, T., et al., 2020)

¹ Para o presente documento, a abordagem usada para “local” refere-se a organizações, comunidades e outros atores na linha de frente da mudança climática que estão diretamente envolvidos nos assuntos locais de desenvolvimento.

² Nesta oração, o termo *fundo* refere-se a aquelas estruturas financeiras, muitas vezes com financiamento público, que têm sido especificamente concebidas para abordar os impactos da mudança climática. Exemplos: *The Green Climate Fund, The Global Environmental Facility, The adaptation Fund*, entre outros

- O financiamento climático atual é dominado por doadores que tomam as decisões em sedes distantes, e financiadores que mantêm controles financeiros difíceis, e têm exigências de relatórios, resultando em “baixo risco, financiamento para o clima em estágio tardio que oferece apoio limitado aos fundos recém-estabelecidos que trabalham ao nível local” (Soares, M, et al., 2019)
- Os fundos que chegam ao nível local são uma questão de justiça e ressarcimento, mas também são fundamentais para a crise, porque é no nível local que a ação e a inovação ganham forma. (Elliger da Fonseca, 2022)

Comunidades urbanas e rurais no Sul Global enfrentam frequentemente desafios decorrentes da pobre infraestrutura, carência de acesso aos serviços básicos, trabalho informal e marginalização sócio econômica. Estas circunstâncias fazem com que elas fiquem mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas, e tenham menos capacidade de fazer a transição para tecnologias de baixa emissão. Porém, é normal que as soluções climáticas sejam adotadas utilizando uma abordagem de cima para baixo o que restringe aos atores locais dizer que medidas precisam implementar nos seus territórios para se-adaptar melhor às mudanças climáticas.

Ao mesmo tempo as comunidades locais são frequentemente guardiãs do conhecimento tradicional, e também fonte de soluções inovadoras, ambas essenciais na implementação eficaz da adaptação climática e medidas de mitigação. Por esse motivo, é fundamental promover e fortalecer as condições que possibilitem para eles liderarem o caminho rumo a zero-emissões e a um futuro climático resiliente. As abordagens lideradas localmente a fim de enfrentar as mudanças climáticas precisam de ganhar tração se realmente desejamos atingir uma transição justa na década que vem, e acessar aos recursos necessários é uma condição chave.

O conceito de Adaptação Liderada Localmente ganhou força recentemente para reconhecer a urgência de que os atores locais possam acessar recursos e conduzir abordagens de baixo para cima para a adaptação às mudanças climáticas. A adaptação liderada localmente implica que os indivíduos, as residências, as comunidades e as organizações locais que estão na linha de frente dos riscos climáticos têm o controle sobre as decisões a suas próprias práticas, programas e financiamento na adaptação. Um conjunto de 8 princípios foram desenvolvidos para orientar a narrativa e à prática. (LLAP)³.

1. Descentralização da tomada de decisões para o nível mais baixo apropriado.
2. Enfrentar as desigualdades estruturais lidadas pelas mulheres, crianças, deficientes, desalojados, indígenas e grupos étnicos marginados.
3. Fornecer financiamento previsível e paciente que possa ser acessado mais facilmente
4. Investir em capacidades locais a fim de deixar um legado institucional
5. Criar uma compreensão mais robusta dos riscos e as incertezas climáticas
6. Programação flexível e aprendizagem
7. Garantir a transparência e prestação de contas
8. Ação colaborativa e investimento

Os LLAP foram apoiados por mais de 80 governos, instituições líderes mundiais e ONG's locais e internacionais, demonstrando um consenso crescente no papel predominante das vozes locais é liderança na adaptação à mudança climática e na construção da resiliência.

A literatura sobre finanças e os destaques dos LLAP que investindo nos atores locais e soluções permite melhores resultados na adaptação, e responde à crise climática em formas que são mais “integradas, custo-efetivas, contextualizadas, responsáveis, democráticas, equitativas e ágeis” (*Patel, S., et al .2020*).

³ Acesso ao LLAP pelo seguinte [link](#)

2.2. Um conjunto de desafios para acessar o financiamento de projetos liderados localmente

Há muitas razões pelas quais as organizações locais passam dificuldades para acessar financiamento climático.

No workshop de lançamento do processo consultivo, Aditya Bahadur fez uma proposta de uma estrutura de 4 quadrantes, organizado como desafios enfrentados pela oferta e pela procura, e desafios técnicos e institucionais.

Tabela 1. Desafios com LLA

	Oferta	Procura
Institucional	Mandato de instituições financeiras internacionais	Escassez de disponibilidade
Técnica	Falta de análise custo-benefício do LLA/Retorno do Investimento (RoI)	Racionalidade Climática

Fonte: Apresentação de Aditya Bahadur no [primeiro workshop](#)

Os desafios institucionais são comuns na luta por acessar outros tipos de financiamento de desenvolvimento. No lado da procura, refere-se à fraca capacidade institucional, barreiras linguísticas, entre outros. No lado da oferta inclui mandatos de instituições financeiras internacionais para direcionar o financiamento para o nível nacional, alinhando-se a suas prioridades. O que pode ficar distante das abordagens lideradas localmente. Os desafios técnicos são particulares ao panorama financeiro climático e referem-se à necessidade de diferenciar projetos climáticos de outros investimentos de desenvolvimento providenciando uma justificativa técnica. Esta justificativa técnica refere-se frequentemente à racionalidade climática e é exigida pelos financiadores do clima para provar a complementaridade climática dos investimentos e apoiar a teoria da mudança diante de um clima de mudança. Uma racionalidade climática, o que vamos discutir mais adiante, frequentemente depende da coleta de informação climática histórica de décadas, ou da modelagem complexa de cenários climáticos futuros, que consomem tempo e recursos e muitas vezes estão distantes dos recursos das organizações locais (lado da procura). Por outro lado, no lado da oferta os financiadores carecem de provas sobre o impacto nas abordagens lideradas pela comunidade em evitar perdas e danos e proporcionar resiliência.

O desafio técnico de fornecer evidência sobre o impacto climático esperado dos projetos (racionalidade climática), foi o foco do processo consultivo. Antes de mergulhar fundo nele vale a pena fornecer uma visão geral das áreas de desajuste entre o que os financiadores esperam de um projeto climático (especialmente fundos multilaterais sob UNFCCC), e as capacidades e necessidades para os projetos de adaptação climática liderados localmente.

Tabela 2. Desafios institucionais e técnicos do lado da oferta e procura para desenvolver propostas climáticas

	Oferta ⁴	Procura ⁵
Institucional	<ul style="list-style-type: none"> • Processos que consomem tempo e recursos: Formatos complexos para apresentar propostas e uma longa lista de estudos exigidos fazem a preparação do projeto um processo que consome tempo e recursos. • Os projetos exigem uma carta de aprovação do seu governo nacional. <p>Como são enfrentados os desafios:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fundos multilaterais do clima fornecem apoio financeiro para a preparação de propostas de projetos⁶ • A justiça climática de financiamento da filantropia está avançando para o financiamento irrestrito, simplificando radicalmente a avaliação de propostas e monitoramento dos projetos (de relatórios a conversas) e focando-se na confiança e nos valores. • Organizações bancárias se focam na avaliação do perfil do cliente, se-afastando da avaliação dos projetos 	<ul style="list-style-type: none"> • Inelegibilidade: A falta de capacidades contábeis em relação aos padrões contábeis esperados pelos doadores, bem como um monitoramento fraco e a habilidades de gerenciamento dificultam às organizações locais para acessar os fundos. Existe um risco de que muitos projetos liderados localmente no possam ser apresentados para acessar ao financiamento climático sendo que os governos nacionais priorizam outros setores ou assuntos. • Inconsciência: O fato de que o idioma para apresentar as propostas (frequentemente inglês) não combina com outras habilidades linguísticas, e a falta de acesso à informação sobre fundos e como acessá-los praticamente exclui às organizações locais dos processos de financiamento. <p>Como são enfrentados os desafios:</p> <ul style="list-style-type: none"> • No caso da filantropia financiando a justiça climática trabalha com organizações intermediárias de confiança da comunidade ou dos interessados locais. • Entidades credenciadas a fundos multilaterais cumprem com padrões fiduciários especializados que devolvem a tomada de decisões sobre o que é financiado ao nível local, atingindo assim uma ponte entre capacidades e exigências.

⁴ Fornecedores de fundos climáticos, com ênfase nos fundos públicos estabelecidos para responder às crises climáticas, como aquelas estabelecidas sob a UNFCCC-Green Climate Fund, GEF, Adaptation Fund

⁵ Organizações locais em busca de financiamento para a adaptação ao clima

⁶ Janelas de apoio à preparação aguardam a que os projetos sejam apresentados para aprovação em 1-2 anos a partir da fase de nota conceitual e cobertura a partir de USD 50k (Adaptation Fund) a USD1.5M (Green Climate Fund)

Técnico	<ul style="list-style-type: none"> • Desajuste de escala: Fundos climáticos multilaterais trabalham com projetos que são maiores em escala do que os projetos baseados nas comunidades. ⁷ Poucas fontes de financiamento estão dispostas a financiar intervenções muito menores. • Prestação de contas: Fundos climáticos multilaterais têm uma metodologia para contabilizar cada dólar gasto, garantindo que seja utilizado de acordo com o que foi planejado. Falta de flexibilidade. • Indicadores: A evidência do impacto é provada frequentemente utilizando indicadores que muitas vezes não refletem aspectos importantes do projeto ou implicam gerar informações difíceis ou muito caras para serem obtidas. <p>Como são enfrentados os desafios:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Janelas especiais para melhorar o acesso direto estão sendo desenvolvidas e implementadas por fundos climáticos multilaterais sob o UNFCCC para facilitar a apropriada concessão novamente ao nível. ⁸ 	<ul style="list-style-type: none"> • Racionalidade climática: Demonstra que o projeto que busca financiamento aborda um problema realmente causado pela mudança climática que pode consumir muito tempo e recursos. Isso pode também estar diretamente relacionado com as capacidades e acesso à informação nas comunidades locais. • Falta de Informação: Prova a evidência do impacto utilizando indicadores que muitas vezes não refletem aspectos importantes do projeto ou implicam gerar informações caras ou difíceis de serem obtidas. Mudando as prioridades e podem surgir novas necessidades. • Conhecimento tradicional: Ainda há reconhecimento muito fraco de que o conhecimento tradicional é válido/confiável como conhecimento científico. A forma que o conhecimento local/tradicional poderia soar anedótico. <p>Como são enfrentados os desafios:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diálogo Inter científico. Na UNFCCC, as Comunidades Locais e a plataforma dos Povos Indígenas, foram estabelecidas para trazer sistemas de conhecimento junto à construção de um mundo resiliente. • A justiça climática de financiamento da filantropia envolve às partes interessadas locais na definição do impacto; centro de aprendizagem
---------	--	---

Fontes: *Elaboração própria com base nas entrevistas detalhadas com especialistas*, [Mural do primeiro Workshop](#); Apresentação de Aditya Bahadur no [primeiro Workshop](#); *Candid, 2022; GCF (n.d), GEF (n.d.), e A.F. (n.d.)*

⁷ Por exemplo, GCF classifica desde micro projetos (>USD 10M) a (<USD 250M); O Fundo de Adaptação trabalha com base a USD 20M por país; e GEF o valor total do projeto + USD 2M.

⁸ GCF/EDA: USD 200 milhões para pelo menos 10 pilotos (em média USD 20 milhões por proposta). O objectivo do projecto-piloto EDA é "melhorar o acesso de entidades subnacionais, nacionais e regionais, públicas e privadas ao Fundo Verde para o Clima (o Fundo). Isto incluirá a descentralização da tomada de decisões para tais entidades, uma vez acreditadas, e um maior envolvimento local de múltiplos interessados"; até USD 5M por país; GEF: USD 25K-USD 50K

3 O desafio da racionalidade climática: Uma prioridade emergente da pesquisa da ação

3.1. Racionalidade Climática: Compreendendo seu papel e desafios

De acordo com a Organização Meteorológica Mundial a racionalidade climática “garante que as ligações entre o clima e os impactos do clima, a ação climática e os benefícios para a sociedade estejam totalmente fundamentadas nos melhores dados climáticos e científicos disponíveis “(World Meteorological Organization, s.d.) Além disso, o [World Resources Institute](#) considera que quando desenvolvemos a racionalidade climática de uma proposta é “crítico olhar os riscos climáticos, impactos, e vulnerabilidades existentes no curto e longo prazo, assim como identificar atividades que abordam esses riscos, impactos e vulnerabilidades”.

Fundos climáticos tradicionais, como o Green Climate Fund (GCF) [pelas siglas em inglês], indicam que “para atividades de adaptação da racionalidade climática estabelece-se fornecendo uma análise baseada em evidências para demonstrar que a atividade proposta será provavelmente uma resposta de adaptação eficaz ao risco, impacto ou risco específico da mudança climática “. “As propostas de adaptação deveriam mostrar como a atividade aborda os riscos das mudanças climáticas e dos impactos atuais ou futuros, e porque é provável que seja uma resposta eficaz. As propostas deveriam identificar os sistemas em risco e os perigos da mudança climática que pode afetá-los agora ou no futuro. Também deveriam mostrar como a mudança climática tem conduzido ou conduzirá a um risco específico ou impacto que a atividade proposta aborde utilizando a melhor informação disponível” (GCF/B.33/05- Steps to enhance the climate rationale of GCF-supported activities;. Junho 2022)

No entanto, como foi reconhecido por muitos atores (GCF, 2018), abordar a racionalidade climática enquanto que são preparadas as propostas dos projetos exige desafios técnicos, sociais e de capacidade que podem fazer o processo de desenvolvimento do projeto mais difícil do que o previsto. Alguns desses desafios incluem comunicação e disseminação de informações climáticas disponíveis utilizando diferentes línguas e dialetos locais; o nível de capacidade variável, os recursos nos países ou instituições para gerar e captar informação climática, e a necessidade para mobilizar investimentos públicos e privados a fim de desenvolver projetos sobre informação climática e sistemas de informação de alta

qualidade e infraestrutura. Abordar estes assuntos e fornecer apoio técnico é fundamental para melhorar a racionalidade climática na concepção de propostas de financiamento que visem ações locais.

Na trigésima terceira reunião foi preparado um documento para abordar a solicitação do Conselho em relação aos “passos para melhorar a racionalidade climática das atividades apoiadas do GCF”. Esse documento mostra que muitas propostas falharam em demonstrar o perigo climático e os impactos que estão tentando abordar. Especificamente, “entre B.23 e B.29, 11 das 21 propostas de financiamento inicialmente não foram apoiadas pelo TAP⁹ (52% dos “não-apoiados”), foram não apoiados com base em demonstração insuficiente de “racionalidade climática”. Dessas 11 propostas sete foram para adaptação e duas tiveram uma análise transversal. Entre as principais deficiências, tem sido identificadas: “(ii) indisponibilidade da informação, (ii) falta de uma articulação clara da relevância da atividade proposta para um risco climático específico, e (iii) falta de uma articulação clara da exposição e da vulnerabilidade das pessoas, sistemas, ou ecossistemas “(GCF/B.33/05-Provisional agenda item 13 - Steps to enhance the climate rationale of GCF-supported activities, junho 2022).

A apresentação de Adiya Bahadur’s durante o [primeiro workshop](#) do processo consultivo (23 de agosto de 2022) partilhou dois aspectos da racionalidade climática:

- **Atribuição do clima ou Ciência da atribuição:** Como demonstrar que o desafio que você está querendo superar com uma quantia de financiamento está realmente relacionado à mudança climática. Muitas mudanças, no entanto, surgem de utilizar essa abordagem: necessidade de longos dados históricos; necessidade de dados precisos das emissões GHG, os modelos funcionam em redes muito grandes; os modelos se focam nos perigos em vez da exposição aos riscos e a vulnerabilidade, que são elementos cruciais para definir os riscos do clima numa área particular.

Além do mais, o IPCC tem fornecido evidência suficiente de que existe um sinal climático para a maioria dos choques e tensões, e que essa mudança climática antropogênica ou induzida pelo homem está exacerbando a maioria desses choques e tensões.

- **Teoria da mudança:** Fornecer argumento casual de como um investimento poderia melhorar o risco climático. Limitações nessa abordagem inclui que está sustentada em suposições (implementar uma atividade particular conduzirá a um resultado particular, e finalmente isso causará um impacto específico); isso mede capacidades resilientes “latentes”, o que significa evidenciar que tão eficaz foi uma medida específica implementada para ajudar à comunidade a se-adaptar, por exemplo, enchentes recorrentes, é necessário aguardar até que essa enchente realmente aconteça; teorias de mudança precisam frequentemente mudar porque essas realidades continuam mudando.

⁹ Painel Técnico Consultivo (TAP, pela sua sigla em inglês)

De acordo com os participantes no primeiro workshop, alguns dos elementos chave para garantir a racionalidade climática de um projeto liderado localmente inclui:

- **Processos participativos:** presença e proximidade na comunidade são chave. Eles conhecem que o clima está mudando e deveria conduzir à ação e abordar soluções.
- **Acesso à informação de qualidade e desenvolvimento de modelagem climática:** Coletar dados qualitativos e quantitativos. Idealmente numa escala o mais baixo possível. Dados climáticos baseados em estudos e projeções.
- **Garantir uma ligação entre o problema e como as atividades do projeto propõem solucioná-lo:** ligando as ameaças, impactos e soluções
- **Alinhamento com planos nacionais:** Uma vez que as políticas nacionais já são para um país uma reflexão do caminho da resiliência climática, e frequentemente são informados pela ciência climática, mais alinhamento poderia facilitar o processo de desenvolvimento da base lógica climática.

Financiadores tradicionais do clima ou investidores medem a efetividade e além a seus investimentos através do rastreamento para a racionalidade climática dos projetos para garantir que estão conduzindo a reduções substanciais das emissões de gases de efeito estufa, minimizando os impactos da mudança climática, e/ou incrementando a resiliência. A complexidade da mudança climática e os recursos disponíveis limitados a comunidades locais transformou o caminho atual de acessar as finanças climáticas num gargalo.

Através do processo consultivo, estes eram pontos de vista críticos e de apoio em relação ao papel da racionalidade climática baseada em evidências no desenvolvimento de projetos. Por um lado, pode ser visto como um fardo extra que diminui a necessidade de avançar em desenvolvimento sustentável a fim de reduzir as vulnerabilidades climáticas. Por outro lado, desenvolver uma racionalidade climática baseada na evidência pode ser visto como uma garantia de que os projetos que são liderados localmente estão respondendo à mudança climática e mais importante, incorporar projeções em relação a um clima em mudança, que vai apresentar condições muito diferentes e desafios às comunidades locais em comparação com os padrões históricos. Mais discussões sobre a função que tem a base lógica climática para os financiadores e para as organizações locais e que precisam para encontrar uma base comum que deixe um exercício gratificante.

3.2. Evidências que apoiam a racionalidade climática

Acesso a informação suficiente e robusta é fundamental para construir a racionalidade climática de uma proposta de projeto. Utilizam-se diferentes fontes de informação a fim de ajudar a demonstrar que está enraizada num problema climático e que isso efetivamente faz um impacto aumentando a adaptação à mudança climática, e/ou reduzindo emissões GHG. A extensão e rigorosidade da informação que vai ser providenciada frequentemente muda segundo a fonte de financiamento onde foi apresentada a proposta.

Ao longo do processo consultivo, particularmente no primeiro workshop, os participantes destacaram que a falta de informação científica a uma escala apropriada, representa um desafio grande para a construção da racionalidade climática, e que gerá-la poderia custar

caro e levar muito tempo. Além disso os participantes têm insistido que a evidência pra apoiar a racionalidade climática pode ir além dos dados científicos e incorporar conhecimento local e tradicional. As subseções a seguir exploram brevemente o complemento de ambas as fontes.

3.2.1 Ciência Climática

De acordo com a Parceria para o Aprendizado das Nações Unidas sobre Mudança Climática (UM CC Learn) “a Ciência da mudança climática visa entender os processos físicos, químicos, biológicos, e geológicos, e as suas interações entre esses processos, que produzem mudanças climáticas (...) no clima, tanto temporariamente quanto espacialmente, e eles são detectados examinando evidências de instrumentos e indicadores tais como anéis de árvores. Fósseis, glaciares e gelo do mar, pólen vegetal e o nível do mar. Um dos alvos dos cientistas é prever climas futuros baseado nos fenômenos naturais e projetar esses climas baseado em suposições de atividades humanas futuras. Essas previsões e projeções são determinadas enquanto o resultado dos modelos climáticos podem ser utilizados para desenvolver estratégias para a mitigação dos efeitos da mudança climática e para a adaptação às mudanças aguardadas. (UM Climate Change Learning Partnership, 2015)

Os dados podem ser obtidos dos governos nacionais e subnacionais, setor privado, universidades, instituições de pesquisa. A ciência climática utiliza dados para entender o clima de certa área levando em consideração décadas passadas e a atualidade, e utiliza esses dados nos modelos climáticos planejando para as próximas décadas. Isso é um elemento central. A este respeito, a informação científica pode oferecer valiosas perspectivas a fim de evitar uma adaptação errada e motivar uma abordagem de adaptação transformacional que é definida pelo IPCC “como uma que muda os atributos fundamentais do sistema social-ecológico com antecedência à mudança climática e seus impactos” (IPCC, 2022)¹⁰. Além disso, IPCC expressa que “os limites à adaptação (...) sugerem que a mudança transformacional por ser uma exigência para o desenvolvimento sustentável em um clima em mudança” (Denton et al, 2014)

Desafios para os projetos liderados localmente

Formato: Os dados climáticos não informam o que o efeito de um determinado evento é, nem o que a comunidade faz para lidar com ele.

Por exemplo, informação hidrometeorológica frequentemente falha para traduzir dados específicos (por exemplo, milímetros da precipitação prevista), a informação que as pessoas possam identificar, ou seja traduzir milímetros de precipitação prevista a efeitos de

¹⁰ Adaptação transformadora difere da adaptação incremental, sendo esta última “como extensões de ações e comportamentos que já reduzem as perdas ou aumentam os benefícios das variações naturais em condições climáticas extremas/eventos climáticos” (IPCC,2020).

mais ou menos chuva para a vida das pessoas, meios de subsistência, patrimônio e economia.

Lacunas Estruturais: Ainda que qualidade, quantidade e acesso a informação climática científica melhorou ao longo dos anos, há lacunas significativas entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. As principais dificuldades identificadas no processo consultivo foram:

- Escala e robustez da informação: muitos países não têm uma coleção ampla e robusta da informação hidrometeorológica no presente.
- Informação passada. Existe uma falta de dados históricos e/ou continuidade dos dados ao longo do tempo, especialmente pra o nível local.
- Descentralização. As informações estão dispersas em várias instituições
- Disponibilidade: Os dados podem não ser acessíveis ao público

Intensiva em Recursos: A generalização dos dados do clima e a sua gestão é frequentemente engenhoso (incluindo recursos humanos e financeiros qualificados), o consumo de tempo e a procura um alto envolvimento das diferentes partes interessadas, e o estabelecimento de metodologias claras e estrutura adequada para coletar e compartilhar as informações.

3.2.2 Conhecimento local e tradicional

Os dados do clima são ainda insuficientes e imprecisos em algumas regiões, o que faz difícil para as comunidades locais responder aos impactos da mudança climática. Experiências tradicionais e indígenas podem adicionar valor, especialmente fornecendo aspectos internos dos dados do clima em algumas regiões específicas, levando em consideração que eles são uma fonte de conhecimento e observação. Além disso, eles estão mais próximos dos eventos locais de manifestação da mudança climática, sendo que sua forma de vida e meios de subsistência dependem diretamente do clima.

Algumas das contribuições que o conhecimento local e tradicional pode trazer inclui: complementar as projeções realizadas pela ciência com descrições e precisões locais (Fernandez-Llamazares et al. 2017; Reyes-Garcia et al. 2019) criam uma melhor compreensão dos impactos sócias e ambientais tanto diretos quanto secundários. (Savo et al. 2016, Balvanera et al.2017) destacam as urgências ao nível local que está sendo atingido com a mudança climática; melhorando a abordagem para a adaptação e mitigação baseada na comunidade. (Raygorodtsky, 2011); achar as soluções para a adaptação climática, evitar a desadaptação criar ligações entre os âmbitos da cultura e da política (Portner et al. 2022).¹¹

O conhecimento tradicional tem sido frequentemente negligenciado, quando são estabelecidas as evidencias climáticas. Levou um tempo para valorar a importância do conhecimento indígena e por outro lado implicou mudar a perspectiva de considerar os

¹¹ "O foco histórico na literatura científica também tem sido cada vez mais acompanhado pela atenção e incorporação do conhecimento indígena, do conhecimento local e dos estudiosos associados".

povos indígenas agentes ativos para implementar as soluções de mitigação e adaptação em vez de apenas vítimas dos impactos da mudança climática (Etchart, L., 2017). Existe um aumento do reconhecimento do valor e da importância de incorporar o conhecimento tradicional como fontes da informação climática, como foi reconhecido no Sexto Relatório de Avaliação (AR6) do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) (Portner et al., 2022). A literatura sobre processos de validação dos métodos de coleta está crescendo, o que resulta em descobertas que são suficientemente robustas para dar informações sobre a mudança climática (Chanza, N. e Musakwa, W., 2022). Nesse sentido, uma das entrevistas compartilhadas foi o caso do Pilcomayo Sistema de Alerta Prévio na região do Gran Chaco, na América do Sul, onde a falta de estações do clima e dados históricos foi complementado com o conhecimento das comunidades. Isso foi mais preciso do que qualquer outro tipo de informação. O conjunto de conhecimentos forneceu sua validade.

Finalmente, um elemento importante que surgiu numa entrevista está relacionado como uso das informações coletadas de memórias locais como fonte útil a fim de promover formas inovadoras para responder à mudança climática. Se as autoridades locais falharem para implementar soluções técnicas para lidar com os eventos hidrometeorológicos, muitas vezes existe essa capacidade entre as comunidades recordando as memórias locais para compreender como eles têm reagido perante os mencionados eventos. Essas memórias locais, elas podem ser coletadas através de entrevistas ou até revisando jornais ou arquivos municipais. Por exemplo, a solicitação por parte das comunidades às autoridades locais para melhorar certas infraestruturas. Esse tipo de informação pode ser transmitida nos indicadores de adaptação.

Desafios para os projetos liderados localmente

Limites na informação do clima futuro: Um dos maiores desafios utilizando somente esse tipo de informação está relacionada como o planejamento para o futuro. O conhecimento local e tradicional está baseado em padrões climáticos históricos, mas com um clima em mudança pode haver limites nos aspectos fornecidos pela fonte. A fim de projetar e implementar estratégias e soluções para se-adaptar a um clima e uma economia em mudança, a modelagem climática pode oferecer informações úteis.

Formato: Um outro desafio é a forma de apresentação do conhecimento local e tradicional. Como um entrevistador destacou, poderia parecer anedótico e dificultar assim seu uso e incorporação no preparo dos projetos de adaptação.

3.2.3 Outras fontes. A percepção das pessoas sobre a mudança climática e os processos participativos.

Embora o que veio com mais força nas entrevistas ou workshops foi o conhecimento local, tradicional e científico, são outras fontes que também teriam de ser consideradas na elaboração de evidências para a racionalidade climática. Como foi colocado no AR6 WG II Resumo para os formuladores de políticas, “uma ampla gama de processos de cima pra

baixo, de baixo pra cima e processos coproduzidos e fontes, pode aprofundar o conhecimento climático e partilhar, incluindo elaboração de capacidades em todas as escalas, programas de educação e informação, utilizando as artes, modelagem participativa e serviços climáticos, o conhecimento indígena, o conhecimento local, ciência cidadã (alta confiança). Estas medidas podem facilitar a sensibilização, aumentar a percepção de risco e influenciar o comportamento (alta confiança).“

Percepção das pessoas. Normalmente, ambas a ciência e as percepções estão na mesma direção, por exemplo a percepção pode confirmar os dados científicos. De acordo com a apresentação de Aditya Bahadur durante o primeiro workshop, as vezes reconhecer as percepções das pessoas e os indicadores subjetivos pode levar a descobertas surpreendentes. No Nepal, por exemplo, as tempestades de vento não foram abordadas nas políticas públicas, Comunicações Nacionais ou NAPs como um impacto climático importante, mas apareceu como um assunto chave pela sociedade civil quando lhes perguntaram sobre os impactos da mudança climática. Por tanto os levantamentos baseados na percepção podem ajudar a avaliar os impactos e a adaptação, assim como também para assinalar os problemas mais importantes relacionados com a vulnerabilidade. (Tanner, Acharys & Bahadur, 2018)

Abordagens participativas. Nos workshops tem sido identificadas abordagens participativas como necessárias para criar uma racionalidade climática para projetos climáticos liderados localmente. As abordagens participativas são uma oportunidade para reconhecer diferentes categorias e como elas respondem à mudança climática. Por exemplo, é um espaço para mulheres, jovens e crianças, considerando também outras diferenças culturais para exprimir os desafios de enfrentar os impactos da mudança climática e identificar as soluções.

Desafios para os projetos liderados localmente

Os desafios mais relevantes têm a ver com a metodologia utilizada para coletar a informação. A esse respeito, as perguntas devem ser claras a fim de obter dados úteis e a amostra usada deve ser significativa e representativa no intuito de garantir sua robustez.

4 Observações inter-temáticas

4.1 Oportunidades e recomendações para avançar no desafio da racionalidade climática

4.1.1 Construindo e fortalecendo a confiança

Um dos assuntos que surgiram repetidamente nas entrevistas e nos workshops refere-se à importância de construir e fortalecer relacionamentos de confiança para a adaptação liderada localmente e para os projetos de financiamento climático liderados localmente. O papel de confiança é fundamental para superar diversos desafios institucionais relacionados com as soluções de financiamento lideradas localmente, mas também desempenha um papel importante em avançar no desafio técnico da racionalidade climática.

Um fato de confiança diz respeito ao reconhecimento do conhecimento local e tradicional como fontes confiáveis de evidência para atribuição do clima. Muitas das revisões e opiniões da literatura coletada a longo do processo consultivo indicam que ambos os conhecimentos científico e tradicional assim como as percepções das pessoas são legítimas fontes de informação e deveriam ser complementares. A combinação dessas fontes pode providenciar mais evidência robusta de como certa solução está relacionada à mudança climática e como efetivamente abordará os seus impactos, não somente se focando nas mudanças físicas mas explicando as consequências sociais, econômicas e culturais da mudança climática (Chanza, N e Musakwa, W.,2022). O IPCC no seu último relatório sobre impactos. Adaptação e vulnerabilidade reconhece o valor de combinar diversas formas de conhecimento e abordagens à construção do conhecimento.

Outra faceta da confiança é o reconhecimento de que os projetos liderados localmente, desenvolvidos por parceiros de confiança, têm uma teoria sólida de mudança porque aqueles que lideram o desenvolvimento do projeto são os mais conhecedores e interessados em construir a resiliência climática. Os projetos conduzidos localmente promovem uma forte propriedade, eles são mais apropriados em relação ao contexto daqueles mais atingidos e são concebidos para proporcionar benefícios coletivos. As comunidades locais conhecem seus territórios melhor do que ninguém e quando existe a propriedade da comunidade, as soluções que são implementadas podem ser de longa duração.

Particularmente e em relação aos povos indígenas, Joan Carling compartilhou na sua apresentação durante o [segundo workshop](#), que eles “têm estado lidando com mudanças no seu ambiente porque é uma questão de sobrevivência”, as economias dos povos

indígenas e seus meios de subsistência se apoiam no uso e gestão dos recursos naturais e dependem diretamente do clima. Por tanto, eles estão acostumados a observar mudanças no seu meio ambiente porque eles sabem que essas mudanças podem afetar seu modo de vida. Além do mais, os idosos das comunidades indígenas têm morado no seu território por mais de trinta anos, o que implica décadas de coletar lembranças sobre eventos passados e de como eles lideraram com diferentes situações. (Chanza, N. & Musakwa, W.,2022)

Compreender que as comunidades são as mais interessadas em chegar a ser mais resilientes porque elas estão na linha de frente dos impactos da mudança climática, deve ser um lembrete chave para os financiadores que visam a adaptação liderada localmente.

4.1.2 Contextualizar e traduzir as informações climáticas nos impactos da vida das pessoas para uma melhor tomada de decisões

Durante o processo consultivo muitas opiniões se coletaram em relação às necessidades das comunidades sobre a utilização das informações para a tomada de decisões. Muitas pessoas não perceberam os dados hidrometeorológicos como a melhor tipo de informação para ser compartilhada, em vez disso eles sugeriram priorizar o tipo de informação que as pessoas podem relacionar com aquilo que pode afetar suas vidas, meios de subsistência, sua propriedade e a sua economia.

O PPCR (Pilot Program for Climate Resilience) projeta na Zambia, como já explicou Ngao Mubanga no [segundo workshop](#), usar os dados do departamento meteorológico que têm de ser precisos e oportunos, a fim de combinar com a interpretação do que as comunidades têm e incentivam a propriedade desta informação. Isso faz as comunidades mais adaptáveis aos impactos da mudança climática sendo que eles têm mais informação para aumentar a diversificação dos plantios que eles cultivam. Por exemplo, em vez de receber dados sobre os milímetros de chuva esperados para os dias seguintes, as comunidades podem fazer o melhor uso da informação se eles podem traduzir essa informação direcionada aos melhores períodos para plantar e que tipo de plantio levando em consideração a chuva prevista para esse período.

Foi sugerido também combinar a observação dos impactos para identificar tendências e dados das escalas disponíveis, e fortalecer os sistemas hidrometeorológicos nacionais.

O mecanismo da Kenia County Climate Change Fund (CCCF) incentiva o fluxo de financiamento climático aos governos dos condados, e ao mesmo tempo, fortalece às comunidades locais para incentivar a resiliência perante à mudança climática. Uma abordagem interessante destes mecanismos é que integra informação climática do Departamento Meteorológico da Quênia e avaliações participativas de resiliência (Crick F. et al. 2019). O DMQ usualmente apresenta a previsão do tempo na TV, mas muitas pessoas não assistem a televisão para ficar sabendo sobre isso. Por tanto, as conversações com as comunidades foram arrumadas para conseguir entender que informações eles precisavam e quais os melhores canais para dividir essas informações. Depois dessa troca foi observado como uma boa prática mandar mensagens de texto com informações meteorológicas relevantes para determinados atores da comunidade que vão depois

divulgá-las para outras pessoas, e utilizam também a rádio para informar as previsões do tempo mensais na língua local.

Previsão orientada ao impacto (ICF) e Previsão baseada no Impacto (IBF) poderiam ser possíveis alternativas a serem exploradas. As previsões do tempo tradicionais oferecem avisos confiáveis de muitos perigos hidrometeorológicos, mas estes avisos deveriam ser traduzidos em informações sobre o que fazer para garantir a segurança das pessoas e as suas propriedades.

4.1.3 Fortalecimento das capacidades locais e a governança

Os processos de governança locais, bem como as capacidades individuais e institucionais, devem ser fortalecidas e apoiadas já que elas constituem condições chave para que as comunidades possam entender a mudança climática, implementar ações efetivas de implementação a fim de garantir a sustentabilidade das ações. O desenvolvimento da racionalidade climática de um projeto está ligada com o que os defensores desse projeto entendam como mudança climática. Desenvolver capacidades melhora a compreensão e a conscientização da mudança climática e, conseqüentemente fortalece a habilidade para desenvolver uma proposta seguindo uma lógica climática.

Como exemplo da importância do fortalecimento das capacidades locais, Global Forest Trends e WWF implementaram a *Capacity Building Program on Indigenous Territorial Governance (PFGT)* (por sua sigla em espanhol). Por um ano inteiro, representantes dos povos indígenas em quatro países, Brasil, Colômbia, Equador e Peru são treinados para fortalecer essa liderança. Cada comunidade escolhe quatro membros para participar no programa: uma mulher, um idoso, uma autoridade da comunidade e um jovem. As ferramentas são compartilhadas para abordar os problemas que a comunidade normalmente enfrenta, bem como as pressões sociais e econômicas que eles têm, e que podem melhorar as suas capacidades na gestão dos territórios (Forest Trends, n.d)

Outro exemplo é o trabalho do Pawanka Fund. Como foi explicado por Joan Carling durante sua participação durante o [segundo workshop](#), o financiamento depende do conhecimento tradicional dos povos indígenas e de fortalecer seus sistemas de governança visando lidar com os impactos da mudança climática. Carling destacou a importância de ter “uma forte propriedade, soluções à mudança climática conduzidas localmente e combinar conhecimento tradicional com inovação a fim de abordar algumas das coisas que as comunidades acham difíceis de explicar”.

4.1.4. Promovendo o uso da tecnologia da informação e comunicação (ICT)

ICT pode desempenhar um papel importante no monitoramento e na implementação dos projetos e na coleta dos dados para informar sobre os indicadores do progresso e do impacto. Algumas das perguntas chave que surgiram durante o processo consultivo em relação à importância de utilizar tecnologia que possa ser amigável ao usuário, e que também possa continuar sendo utilizada uma vez os recursos de um projeto específico são

usados e não exige o uso permanente da internet. Dessa forma é plausível assegurar a sustentabilidade da tecnologia.

Um bom exemplo do uso da tecnologia pode ser encontrado no [Open Forest Protocol](#) (OFP), uma fonte aberta e plataforma para medição, relatórios e verificação comunitária (MRV) de dados da floresta em escala que ajuda na abordagem de alguns dos desafios nos esforços no reflorestamento: a falta de acesso à exatidão faz MRV, falta de precisão dos dados e a falta de financiamentos e inclusão local nos projetos. O banco de dados validado por satélite pode ser acessado pelo celular. O crescimento anual de árvores é traduzido em captura de carbono, que pode ser informada como uma prática de advocacia ou usada como créditos nos mercados de carbono. No [segundo workshop](#), Dora Luz Miranda Rios, gerente de OFP, abordou a importância de acessar e ter dados e informações de atores locais que sejam transparentes e rastreáveis. Dessa forma, as comunidades podem ter evidência robusta do que a conservação e a reflorestação podem trazer para eles, para seus países e seus ambientes, e potencialmente assegurar sustentabilidade financeira para seus projetos.

Outro exemplo de uma boa utilização do ICT é a parceria [All Eyes on the Amazon](#). Uma combinação de vigilância territorial com tecnologias inovadoras como drones, armadilhas para câmeras, que são utilizadas para capturar as evidências, monitorar e avaliar os níveis de desmatamento, as cadeias comerciais e financeiras que prejudicam a floresta e as populações locais. Esta parceria compreende que a apropriação tecnológica das comunidades é um elemento primordial que deve ser assegurado para o monitoramento e avaliação do desmatamento e continuar uma vez o programa tenha finalizado. Nesse sentido a tecnologia apropriada e o treinamento constante são fundamentais. (Hivos. Nd)

4.1.5 Facilitar o acesso aos dados

Diferentes fontes da última ciência climática e plataformas que reuniram dados climáticos foram disponibilizados, tipo o *the Intergovernmental Panel on Climate Change* (IPCC), projeções de modelos climáticos, e [IPCC Working Group I Interactive Atlas](#), e [GCF-WMO Climate Information platform](#), que permite acesso às projeções dos índices da mudança climática, e ao software para calcular índices do clima que são relevantes para a saúde, a agricultura e setores da água.

Além disso, a decisão alcançada na COP21 em 2015, definiu a necessidade para formar uma Plataforma de Comunidades Locais e Povos Indígenas (LCIPP) com o propósito geral de trocar as melhores práticas e lições para abordar a mudança climática de uma forma holística, e para melhorar as capacidades das comunidades locais, e envolver estes grupos nos processos da UNFCCC.

Em relação à demonstração dos impactos das soluções climáticas que são implementadas, ao se referir à adaptação, o indicador mais utilizado é “o número direto ou indireto de beneficiários”. É necessário melhorar o uso de indicadores que mostrem o que as comunidades estão fazendo efetivamente e como o-estão fazendo, a fim de adaptar melhor os impactos da mudança climática. Nesse sentido, deveria ser notado uma iniciativa

desenvolvida pela UNEP, chamada de centro do Impacto do Financiamento do uso do Solo que oferece ferramentas e orientação para ajudar a monitorar o impacto ambiental e social investimento no uso sustentável da terra, utilizando indicadores diferentes. (UNEP), n.d)

4.2 Outras recomendações

As seguintes recomendações não necessariamente se relacionam ao desafio da racionalidade climática em particular, mas sim aos projetos de resiliência liderada localmente acessando financiamento climático. Algumas das sugestões mais relevantes que surgiram do processo consultivo incluíram:

4.2.1. Flexibilidade, simplicidade e previsibilidade

Estes dois primeiros atributos deveriam ser promovidos não somente nas propostas de desenvolvimento mas também quando é demonstrada a implementação dos projetos e seus resultados.

Quando são elaboradas as propostas dos projetos, tem diferentes alternativas que deveriam ser promovidas para se-adaptar melhor à realidade das pessoas. Aceitando apresentações de vídeo, áudio descrições dos objetivos dos projetos, modelos e solicitações para apresentar uma proposta e usar diversos idiomas que podem facilmente ser entendidos e cumpridos, elas são algumas das opções para incentivar ainda mais as comunidades indígenas, mulheres, jovens, pequenos agricultores, entre outros grupos vulneráveis, para acessar ao financiamento climático.

Em relação ao rastreamento na agilização de um projeto que está sendo implementado, deveria levar-se em consideração que nos povos indígenas eles não entendem a contabilidade a forma como o financiamento tradicional espera. Os recibos ou faturas não devem ser os únicos mecanismos para acompanhar o uso dos fundos. Outras fontes de evidência poderiam ser fotos e assinaturas dos líderes locais, para provar que os fundos são gastos em ações que ajudem à comunidade a se-adaptar à mudança climática. Em muitos casos, as pessoas indígenas têm que passar por instituições que podem administrar os fundos. É importante que seja uma instituição que é reconhecida pela comunidade. Estes exemplos refletem outros problemas de confiança que precisam de ser abordados de melhor forma.

É chave também reconhecer que estamos mudando o clima e que isso implica trabalhar em cenários de incerteza, e justamente por isso é essencial ter flexibilidade para se-adaptar às novas condições ou necessidades que devem ser abordadas. Os esquemas financeiros não deveriam ser uma exceção.

Além do mais, segundo o LLAP, a paciência, os fundos previsíveis que podem ser acessados mais facilmente, são um elemento chave a levar em consideração. Nesse sentido fornecer subvenções de vários anos poderiam ser vistos como um compromisso de longo prazo dos financiadores para as comunidades. Esta abordagem, junto a uma ação

climática, são elementos fundamentais para criar condições favoráveis para a implantação de soluções de adaptação. “A maior parte do financiamento climático está direcionado a intervenções de curto prazo por expertos distantes responsáveis perante os doadores e agencias de ajuda, em vez de comunidades pobres e vulneráveis” (Patel et al. 2020)

Global Greengrants Fund Uk (2019) cumpriu as conclusões de uma revisão de 43 subvenções distribuídas de suas conclusões e mostrou que “investir em pessoas e relacionamentos é fundamental para o sucesso imediato e a longo prazo de qualquer investimento inteligente no clima”

Finalmente, outro elemento importante que teria de ser levado em consideração é que os fundos devem apoiar ao método de aprender fazendo, de forma que as comunidades podem liderar suas próprias ações climáticas.

5

Reflexões finais e perguntas

- Mudança climática e desenvolvimento: Ainda que muitas fontes de financiamento climático expressem a clara necessidade de distinguir entre um projeto que ajude a reduzir a vulnerabilidade à mudança climática, em relação a outros que ajudam a resolver assuntos de desenvolvimento, outros alegam que a adaptação e o desenvolvimento não deveriam ser abordados como dois assuntos distintos, o melhor seria na mesma abordagem para os dois temas. A alegação posterior que não existe forma de abordar os efeitos da mudança climática nas comunidades, se não atendermos o assunto em relação desenvolvimento e vice-versa.
- Os países desenvolvidos lutam para coletar e processar informações para conseguir apresentá-las ao UNFCCC, seus BUR, NAP, Comunicações Nacionais, NDC e LTS. Esses documentos fornecem uma base e uma caracterização dos impactos previstos da mudança climática ao nível nacional, identificando regiões e áreas onde existe mais vulnerabilidade. Além disso, os relatórios do IPCC providenciam uma importante fonte de informação. Poderiam ser suficientes esses documentos para oferecer fontes válidas e robustas em relação ao passado, presente e futuros cenários climáticos, e conseguir priorizar intervenções para o país inteiro e, por tanto aliviar a carga das comunidades locais tendo que desenvolver esta informação numa escala bem menor.
- Organizações intermediárias desempenham um papel preenchendo as lacunas da escala, em termos da informação climática numa escala regional que pode ser utilizada por diferentes propostas de projetos ao nível local. Isto poderia ajudar para coordenar melhor os esforços de pesquisa, promover a eficiência e evitar que cada proponente de projetos gere evidência à micro escala.

6

Referências

- Adaptation Fund (AF) (s.d.). <https://www.adaptation-fund.org/>
- Amerasinghe, N. (2018). *Adaptation finance: The importance of climate rationale*. GCF Adaptation Rationale Workshop. Day 1, session 1. World Resources Institute (WRI). <https://www.greenclimate.fund/event/gcf-adaptation-rationale-workshop>
- Carty, T., Kowalzig, J. & Zagma, B. (2020) Climate Finance Shadow Report 2020. Oxford: Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/climate-finance-shadow-report-2020>
- Chanza, N., Musakwa, W. (2022) Indigenous local observations and experiences can give useful indicators of climate change in data-deficient regions. *J Environ Stud Sci* 12, 534–546. <https://doi.org/10.1007/s13412-022-00757-x>
- Coger, T., Dinshaw, A., Krishnanm N., Cook, M., Brown, A., Chu, E., Illick-Frank, E. (2021). *Tracking and Reporting Finance for Locally Led Adaptation to Climate Change*. Working Paper. Washington, DC: World Resources Institute. <https://doi.org/10.46830/wriwp.20.00100>
- Crick, F., Hesse, C., Orindi, V., Bonaya, M. & Kiiru, J. (2019). *Delivering climate finance at local level to support adaptation: experiences of County Climate Change Funds in Kenya*. Ada Consortium, Nairobi. <https://www.adaconsortium.org/index.php/ada-resources/news-blogs/ada-blogs/95-blogs/320-supporting-adaptation-through-local-level-climate-finance-lessons-from-kenya>
- Denton, F., T.J. Wilbanks, A.C. Abeysinghe, I. Burton, Q. Gao, M.C. Lemos, T.Masui, K.L.O'Brien and K. Warner, 2014: Climate-resilient Pathways: adaptation, mitigation, and sustainable development. In *Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Part A: Global and Sectoral Aspects. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*". https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/WGIIAR5-Chap20_FINAL.pdf
- Ellinger da Fonseca, P., Mogro, A., Matusевич, V. (2022) One of COP27's most pressing challenges: Funding locally-led climate solutions. *Alliance Magazine*. <https://www.alliancemagazine.org/blog/one-of-cop27s-most-pressing-challenges-funding-locally-led-climate-solutions/>
- Etchart, Linda. (2017). *The role of indigenous peoples in combating climate change*. Palgrave Communications. <https://www.nature.com/articles/palcomms201785.pdf>
- Fernández-Llamazares, A., Amaral, R., Díaz-Reviriego, I., Cabeza, M., Pyhälä, A., Reyes-García, V. (2017). An empirically tested overlap between indigenous and scientific knowledge of a changing climate in Bolivian Amazonia. *Reg Environ Change* 17, 1673–1685. <https://doi.org/10.1007/s10113-017-1125-5>
- Forest Trends (s.d.). Capacity Building Program on Indigenous Territorial Governance. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=JTDPRBa8gk&t=107s&ab_channel=ForestTrends
- Global Greengrants Fund (2019) Fostering Climate Resilience: Lessons from flexible, community-based grantmaking in the Pacific Islands. <https://www.greengrants.org/wp-content/uploads/2020/06/FInal-PI-Climate-Resilience-Lessons.pdf>

- Green Climate Fund (GCF) (s.d.). <https://www.greenclimate.fund/>
- Green Climate Fund (GCF) (2018). *Green Climate Fund International Technical Workshop: Adaptation Rationale for Project Pipelines and other Climate Investment. Workshop Report.* <https://www.greenclimate.fund/sites/default/files/event/2018-adaptation-rationale-workshop-workshop-report.pdf>.
- Green Climate Fund (GCF) (2022). Steps to enhance the climate rationale of GCF-supported activities. Provisional agenda item 13. GCF/B.33/05. June 2022. <https://www.greenclimate.fund/sites/default/files/document/gcf-b33-05.pdf>
- Green Climate Fund (GCF) (2022). Steps to enhance the climate rationale of GCF-supported activities. Meeting of the Board. GCF/B.33/05. August 2022. <https://www.greenclimate.fund/sites/default/files/document/gcf-b33-19.pdf>
- Global Environment Facility (GEF) (s.d.). <https://www.thegef.org/>
- Hivos (s.d.). *All Eyes on the Amazon (AEA)*. <https://hivos.org/program/all-eyes-on-the-amazon/>
- International Labour Office (ILO) (2017) *Indigenous peoples and climate change: from victims to change agents through decent work*. Gender, Equality and Diversity Branch. Geneva. https://www.ilo.org/global/topics/indigenous-tribal/WCMS_551189/lang--en/index.htm
- IPCC, 2007: Summary for Policymakers. In: *Climate Change 2007: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [Solomon, S., D. Qin, M. Manning, Z. Chen, M. Marquis, K.B. Averyt, M.Tignor and H.L. Miller (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA. <https://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar4/wg1/ar4-wg1-spm.pdf>
- IPCC, 2022: Summary for Policymakers [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, M. Tignor, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem (eds.)]. In: *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, M. Tignor, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Löschke, V. Möller, A. Okem, B. Rama (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, pp.3–33, doi:10.1017/9781009325844.00. https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/downloads/report/IPCC_AR6_WGII_SummaryForPolicy_makers.pdf
- IUCN (s.d.) *IUCN Director General's Statement on International Day of the World's Indigenous Peoples 2019*. <https://www.iucn.org/news/secretariat/201908/iucn-director-generals-statement-international-day-worlds-indigenous-peoples-2019>
- Krishnan, N. (2020). *Following the Money Isn't Enough*. Working Paper. Washington, DC: World Resources Institute. www.wri.org/publication/followingthe-money.
- LCIPP. (s.d.) *Overview. Local Communities and Indigenous People Platform Web Portal*. <https://lcipp.unfccc.int/lcipp-background/overview>.
- OECD. (2022). *Aggregate trends of Climate Finance Provided and Mobilised by Developed Countries in 2013-2020*. <https://www.oecd.org/climate-change/finance-usd-100-billion-goal>
- Patel, S., Soanes, M., Rahman, F., Smith, B., Steinbach, D. (2020). *Good climate finance guide: lessons for strengthening devolved climate finance*. IIED Working Paper, IIED, London. <http://pubs.iied.org/10207IIED>
- Principles for Locally Led Adaptation Action (s.d.). https://files.wri.org/s3fs-public/uploads/Locally_Led_Adaptation_Principles_-_Endorsement_Version.pdf

- Pörtner, H.-O., D.C. Roberts, H. Adams, I. Adelekan, C. Adler, R. Adrian, P. Aldunce, E. Ali, R. Ara Begum, B. BednarFriedl, R. Bezner Kerr, R. Biesbroek, J. Birkmann, K. Bowen, M.A. Caretta, J. Carnicer, E. Castellanos, T.S. Cheong, W. Chow, G. Cissé, S. Clayton, A. Constable, S.R. Cooley, M.J. Costello, M. Craig, W. Cramer, R. Dawson, D. Dodman, J. Efitre, M. Garschagen, E.A. Gilmore, B.C. Glavovic, D. Gutzler, M. Haasnoot, S. Harper, T. Hasegawa, B. Hayward, J.A. Hicke, Y. Hirabayashi, C. Huang, K. Kalaba, W. Kiessling, A. Kitoh, R. Lasco, J. Lawrence, M.F. Lemos, R. Lempert, C. Lennard, D. Ley, T. Lissner, Q. Liu, E. Liwenga, S. Lluch-Cota, S. Lösche, S. Lucatello, Y. Luo, B. Mackey, K. Mintenbeck, A. Mirzabae, V. Möller, M. Moncassim Vale, M.D. Morecroft, L. Mortsch, A. Mukherji, T. Mustonen, M. Mycoo, J. Nalau, M. New, A. Okem, J.P. Ometto, B. O'Neill, R. Pandey, C. Parmesan, M. Pelling, P.F. Pinho, J. Pinnegar, E.S. Poloczanska, A. Prakash, B. Preston, M.-F. Racault, D. Reckien, A. Revi, S.K. Rose, E.L.F. Schipper, D.N. Schmidt, D. Schoeman, R. Shaw, N.P. Simpson, C. Singh, W. Solecki, L. Stringer, E. Totin, C.H. Trisos, Y. Trisurat, M. van Aalst, D. Viner, M. Wairiu, R. Warren, P. Wester, D. Wrathall, & Z. Zaiton Ibrahim, 2022: Technical Summary. [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, M. Tignor, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Lösche, V. Möller, A. Okem (eds.)]. In: *Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change* [H.-O. Pörtner, D.C. Roberts, M. Tignor, E.S. Poloczanska, K. Mintenbeck, A. Alegría, M. Craig, S. Langsdorf, S. Lösche, V. Möller, A. Okem, B. Rama (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, UK and New York, NY, USA, pp. 37–118, doi:10.1017/9781009325844.002. https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/downloads/report/IPCC_AR6_WGII_TechnicalSummary.pdf
- Raygorodetsky, G. (2011). *Why Traditional Knowledge Holds the Key to Climate Change?*. *UNU: Climate Change, Culture & Religion*. <https://unu.edu/publications/articles/why-traditional-knowledge-holds-the-key-to-climate-change.html>.
- Recio, E., Hestad, D., (2022). *Indigenous Peoples: Defending an Environment for All*. International Institute for Sustainable Development (IISD). Still only one Earth Policy Brief #36. <https://www.iisd.org/articles/deep-dive/indigenous-peoples-defending-environment-all>
- Soanes, M, Rai, N, Steele, P, Shakya, C and Macgregor, J. (2017). Delivering real change: getting international climate finance to the local level. IIED Working Paper. IIED, London. <http://pubs.iied.org/10178IIED>
- Soanes, M., Shakya, C., Walnycki, A., Greene, S. (2019). Money where it matters: designing funds for the frontier. IIED Issue Paper. IIED, London. <http://pubs.iied.org/10199IIED>
- Tanner, Thomas & Acharya, Sunil & Bahadur, Aditya. (2018). Perceptions of climate change: Applying assessments to policy and practice. Action on Climate Today Learning Paper. https://www.researchgate.net/publication/324246811_Perceptions_of_climate_change_Applying_assessments_to_policy_and_practice
- The Intergovernmental Panel on Climate Change (s.d.) <https://www.ipcc.ch/>
- Asociación para el Aprendizaje sobre el Cambio Climático de ONU (UN CC:Learn)(2015). Resource Guide for Advanced Learning on the scientific fundamentals of climate change. https://www.uncclearn.org/wp-content/uploads/library/guide_scientific_fundamentals_0.pdf
- UNEP (s.d.). *Land Use Finance Impact Hub*. <https://landuseimpacthub.com/en>
- World Meteorological Organization (s.d.). *Climate rationale for GCF project design*. <https://unfccc.int/sites/default/files/resource/0.9WMOClimate-Rationale.pdf>

Anexo

Workshops

1. Workshop “Entendendo o Desafio da Evidência Climática para Financiamento Local”

O primeiro workshop da série teve dois objetivos:

- Aprofundar na compreensão dos desafios para o financiamento da resiliência climática ao nível local e o papel da evidência climática.
- Trocar experiências sobre o desafio de desenvolver uma proposta de financiamento que contribua à resiliência climática.

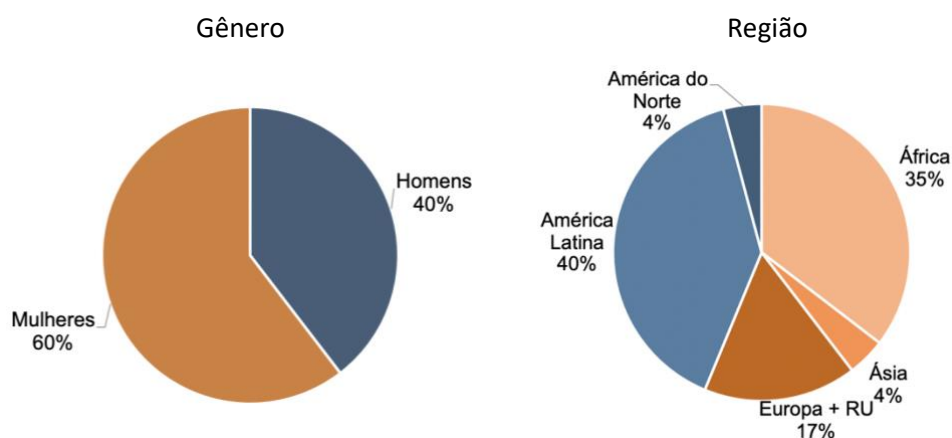
Após de uma breve apresentação de BASE, ARA e o processo consultivo. Aditja Badahur, Principal Pesquisador do Instituto para o meio Ambiente e Desenvolvimento (IIED) [por sua sigla em inglês], fez uma apresentação de abertura sobre os desafios dos financiamentos da resiliência climática liderada localmente, e em particular, o desafio da evidência climática.

Na sequência, um pequeno grupo de sessões foram organizadas para trocar com os participantes sobre estes três assuntos:

- Tipo de informação utilizada para demonstrar evidência climática num projeto de proposta
- Como garantir a racionalidade climática de um projeto
- Outros desafios para a ação climática e financiamento

As ideias foram coletadas em um mural, funcionando como contribuições para o segundo workshop e o processo consultivo

Participantes no Workshop = 48



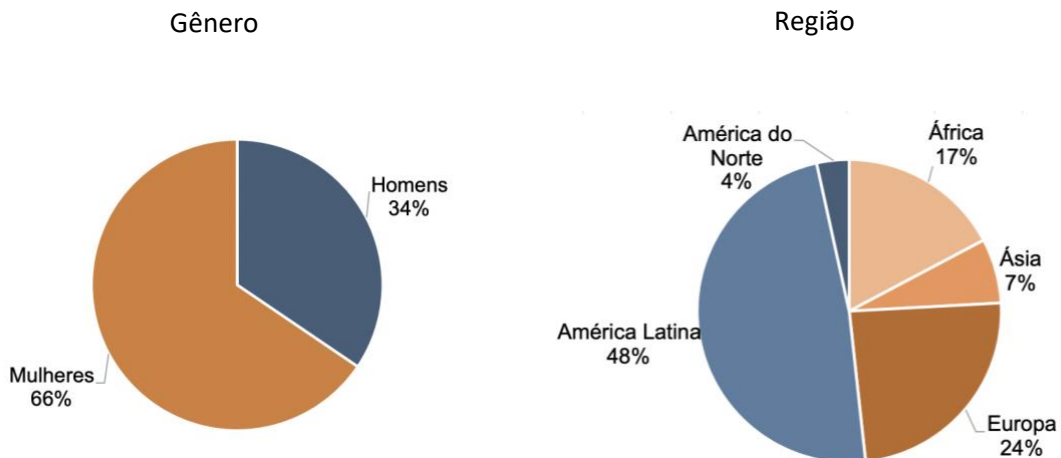
2. Workshop “Explorando soluções para o financiamento da resiliência climática ao nível local”

O segundo workshop começou com um breve resumo da primeira reunião, sintetizando as contribuições para cada um dos assuntos principais que foram discutidos previamente. Além disso, algumas definições de racionalidade climática foram compartilhadas para iluminar em este assunto desafiador.

Na sequência, foram apresentados alguns casos de estudo por Joan Carling, Dora Luz Miranda Rios e Ngao Mubanga, em um painel sobre duas questões orientadoras: Que fontes de informação foram utilizadas como evidência climática para preparar um projeto e/ou demonstrar um impacto? Como você tem construído a racionalidade climática?

Após disso houve uma sessão plenária onde os participantes fizeram comentários, reflexões e perguntas. Os assuntos principais foram resumidos em um mural. Algumas comunidades tradicionais participaram e deram suas perspectivas sobre a construção da racionalidade climática em projetos com descrições, percepções e memórias. Alguns desafios apontados foram a classificação dos dados como confiáveis, a necessidade de criar propriedade a soluções lideradas localmente, como medir os impactos e providenciar uma racionalidade climática e as dificuldades dos financiamentos de resposta de emergência a eventos climáticos extremos.

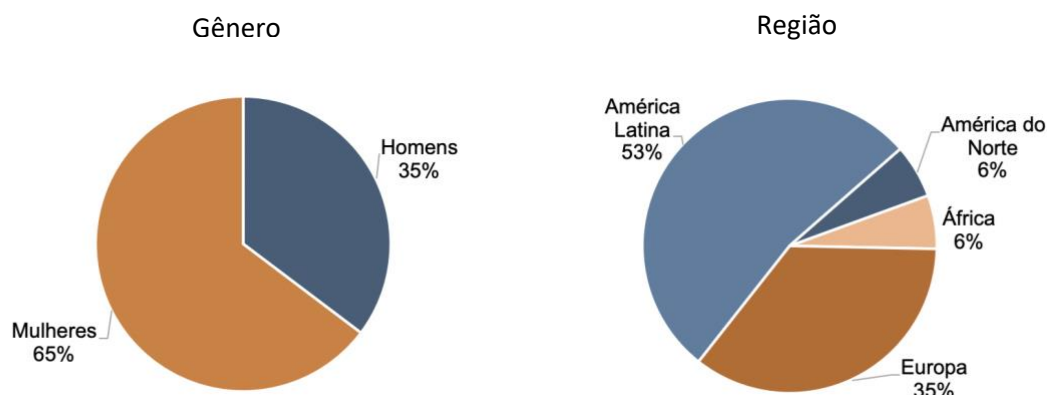
Participantes no workshop= 29



3. Workshop “Participação de Resultados e Recomendações”

Durante a última reunião, Victoria Matusevich (BASE) compartilhou os resultados do processo consultivo. Jesse Demaria-Kenney (ARA), Andrés Mogro (Fundación Avina) e Thandwe Chikomo (WWF) ofereceram alguns comentários sobre a apresentação. Os participantes foram também convidados a exprimir seus pontos de vista e sugestões. Finalmente foi compartilhado um esboço ilustrado.

Participantes no Workshop= 17



Entrevistas

1. Aditya Bahadur - IIED
2. Andrés Mogro - Fundación Avina
3. Anju Sharma – Global Center on Adaptation
4. Borges - Global Forest Trends
5. Chiaki Kinjo – Fundación Avina
6. Cristina del Río – WRI
7. Daniel Anaya – Dirección Provincial de Riesgos y Emergencias
8. David Howlet – Climate Champions Team
9. Demitrio Innocentit - GCF
10. Dora Miranda – Open Forst Protocol
11. Fabiana Menna – Fundación Gran Chaco
12. Gastón Kremer – World-Transforming Technologies (WTT)
13. Joan Carling – Pawanka Fund
14. Joanna Wolstenholme - UNEP-WCMC
15. Karina – Hivos
16. Lindley Mease – Clima Fund
17. Marcelo Doroso – Hivos
18. Marcio Halla – Global Forest Trends
19. Miguel Pinedo –
20. Myrna Cunningham – Pawanka Fund
21. Ngao Mubanga– Banco Mundial
22. Paula Moreira – Hivos
23. Paulina Zambrano – Grupo Faro
24. Pauline Makutsa – Adaptation Consortium
25. Pilar Bueno – Argentina 1.5°C
26. Sofia Suarez – Grupo Faro
27. Tania Guillen - Climate Service Center Germany (GERICS)

Recursos disponíveis

- Link à [gravação e matérias do workshop 1](#)
- Link à [gravação e matérias do workshop 2](#)
- Link à [gravação e matérias do workshop 3](#)
- Link ao [processo consultivo](#)